

## Tematizando as brincadeiras africanas na Emei Nelson Mandela

Tathiana Gonçalves  
Leonardo de Carvalho Duarte

Neste texto relatamos uma experiência de tematização de brincadeiras africanas, desenvolvida entre os meses de agosto e dezembro de 2018, no *Grupo Terra*, composto por 29 crianças entre 4 e 6 anos, da Escola Municipal de Educação Infantil Nelson Mandela. A escola foi inaugurada em 1955, e está localizada no Bairro do Limão, no distrito do Limão, localizado na parte Noroeste da Zona Norte do município de São Paulo.

A Emei Nelson Mandela está vinculada à Diretoria Regional de Educação (DRE) Freguesia do Ó/Brasilândia. Até junho de 2016 chamava-se Emei Guia Lopes passando à nova denominação em 28/06/2016, através da Lei 16.463/2016<sup>1</sup>. Ao final de 2017, por decisão do conselho escolar, a instituição aderiu ao programa de educação integral da SME-SP. No ano seguinte, as crianças frequentaram a escola das 8h às 16h. Outra característica é a constituição de grupos multietários com crianças de 4, 5 e 6 anos na mesma turma.

As motivações para iniciar a tematização foram a articulação com o projeto político pedagógico da unidade e a lei 10.639/03, que dispõe sobre o ensino da história e cultura afro-brasileiras. Nossa escola desenvolve um trabalho implicado com as questões étnico-raciais que atravessam os projetos e as práticas cotidianas. Em 2018, celebramos o centenário de Nelson Mandela, patrono da unidade, e os valores civilizatórios foram temas no currículo abordados em todas as turmas. Partiu daí a definição das brincadeiras africanas como práticas corporais a serem tematizadas.

No primeiro semestre de 2018, a professora Tathiana apresentou e organizou a vivência de algumas brincadeiras africanas (*terra e mar, fogo na montanha, saltando feijões*), nos momentos previstos para utilização da quadra. As crianças demonstraram interesse e empolgação na vivência dessas brincadeiras, o que levou a professora a tornar as brincadeiras africanas tema de estudo no segundo semestre. Momento em que o professor Leonardo passou a colaborar com os trabalhos.

Os objetivos iniciais foram: ampliar o repertório de brincadeiras do grupo; estabelecer conexões entre os modos de vida de africanos e brasileiros, reconhecendo

---

<sup>1</sup> <http://sedin.com.br/new/index.php/lei-no-16-4632016-alteracao-nome-de-emei-guia-lopes-para-emei-nelson-mandela/>

identificações a partir das brincadeiras; ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre as brincadeiras africanas e ressignificá-las conforme as necessidades do grupo. A tematização se desenvolveu, principalmente, no momento destinado ao trabalho com a cultura corporal, previsto na linha do tempo do grupo (uma vez por semana, durante 45 minutos), mas também atravessou diversos outros momentos da rotina escolar.

O trabalho teve início com uma roda de conversa:

Leonardo: eu ouvi a pro Tati dizendo que vocês vão estudar na hora da cultura corporal as brincadeiras africanas?

Várias crianças: sim!

Criança 1<sup>2</sup>: da África do Sul

Criança 2: das Áfricas

Criança 3: nós gostamos de brincar, tem uma brincadeira legal

Criança 4: nós fizemos pula feijões

Leonardo: Eu vi vocês brincando de pula feijão

Criança 1: é pula feijões

Criança 2: começa a tentar explicar como é a brincadeira...

Leonardo: e por que, vocês estão chamando essa brincadeira de pula feijões e dizendo que é uma brincadeira da África?

Criança 5: porque os brancos mudou o nome

Criança 6: porque veio lá da África

Leonardo: hum! mas eu conheço essa brincadeira como relóginho

Criança 1: mas não é relóginho

Criança 2: tá errado, é pula feijões

Leonardo: E como vocês sabem que não é o nome certo?

Criança 7: porque a prô nos contou que os brancos mudou o nome

Leonardo: e como será que a prô Tati descobriu isso?

Criança 2: ela pesquisou na internet

Leonardo: pesquisou na internet? E tudo que tá na internet é verdade?

Várias crianças: siiimm

Leonardo: será? E como as crianças da minha escola, que fica aqui no Brasil, brincam dessa brincadeira e chamam de relóginho?

Criança 1: é porque eles não sabem o nome, que os brancos mudaram o nome

Criança 2: conta para eles

Leonardo: os brancos mudaram o nome da brincadeira? Por quê?

Criança 8: eles não gostavam dos negros e mudaram o nome que os negros colocaram

Leonardo: será?

Criança 5: a prô que falou

Criança 9: a prô pesquisou na internet

Leonardo: e será que tem outros lugares que a gente pode pesquisar também para saber mais sobre isso?

Criança 2: dá para gente perguntar para os africanos

Leonardo: que mais?

(Alguns segundos em silêncio)

Leonardo: a prô pesquisou na internet, a gente já falou que pode perguntar para alguém, fazer uma entrevista? e qual outra forma a gente pode pesquisar?

Criança 1: no site

---

<sup>2</sup> Devido alguns fatores, entre eles baixa qualidade de alguns áudios, ausência do nome das crianças em alguns registros, etc. optamos por não identificar nenhuma criança pelo nome para evitar erro na atribuição das falas.

Criança 3: no blog  
Criança 4: que é isso?  
Criança 3: no Google, no computador  
Criança 6: tablet  
Leonardo: e onde mais a gente pode fazer pesquisa? Vocês só usam computador para fazer pesquisa?  
Criança 10: no globo

Considerando as representações das crianças sobre a África e as brincadeiras africanas, levamos para a sala um globo terrestre que permaneceu desmontado ao lado da roda de conversa. A presença do globo estimulou as crianças a indicá-lo como recurso para a pesquisa. Recorremos ao material para continuar a conversa e problematizar a presença de brincadeiras africanas na escola.

Leonardo: no globo? Dá para fazer pesquisa no globo?  
Várias crianças: Sim!  
Leonardo: então deixa eu montar aqui. Todo mundo já sabe que isso aqui é o globo?  
Criança 11: é o planeta terra parece.  
Leonardo: Todo mundo acha que é o planeta terra?  
Várias crianças: Sim!  
Criança 12: tem um monte de país  
Leonardo: isso aqui é como um desenho do nosso planeta.  
Criança 10: tem muitos país, Brasil, São Paulo,  
Leonardo: São Paulo é um país?  
Criança 1: não é uma cidade  
Leonardo: Vocês sabem onde é o Brasil?  
Várias crianças levantam para apontar no globo.  
Criança 2: eu moro aqui – apontando para São Paulo  
Leonardo: E onde fica a África?  
Várias crianças apontam no globo  
Leonardo: vocês conhecem alguma coisa da África?  
Criança 3: Nelson Mandela  
Leonardo: Olha só, as brincadeiras africanas acontecem aqui na África e nós estamos aqui no Brasil – indicando no globo  
Criança 4: trouxeram da África para o Brasil;  
Leonardo: e como vocês acham que as brincadeiras vieram da África para o Brasil?  
Criança 5: nadando.  
Leonardo: Nadando? Será?  
Leonardo: E será que veio alguma brincadeira daqui da China para o Brasil?  
Criança 7: Aqui é a China?  
Leonardo: Sim  
Criança 7: É longe  
Leonardo: vocês falaram que veio brincadeira daqui da África até aqui e será que veio da China também?  
Várias crianças: não  
Criança 8: não tem brincadeira na China  
Leonardo: E dos Estados Unidos, será que veio alguma brincadeira?  
Algumas crianças: Não  
Leonardo: E da Argentina?  
Algumas crianças: Não

Leonardo: E porque vocês acham que vieram brincadeiras da África e não vieram da China, dos Estados Unidos e de outros lugares?

Silêncio

Leonardo: Por que vocês acham que vieram brincadeiras da África, quem trouxe?

Criança 13: Nelson Mandela

Criança 1: vovô Madiba

Tathiana: será que vovô Madiba que trouxe?

Várias crianças: sim

Criança 5: quando ele era novinho ele veio para São Paulo

Criança 2: veio alguma brincadeira aqui dos lugares onde tem neve para o Brasil?

Leonardo: o que vocês acham?

Criança 10: não, não tem ninguém morando lá

Tathiana será que não tem ninguém morando lá?

Criança 6: o urso

Criança 8: o urso polar

Criança 3: o urso mora na floresta

Leonardo: Então eu tenho um desafio para esse grupo, o grupo vai descobrir como essas brincadeiras chegaram aqui.

Profa: como a gente vai descobrir?

Criança 1: perguntar para família

Criança 3: para o pai, para o tio

Tathiana tá vendo que vocês sabem que existem outras formas de pesquisar

Criança 2: mas prô, você falou que as brincadeiras vieram da África.

Profa: Sim, eu pesquisei, mas o que o Léo está perguntando para gente é como elas vieram.

As ideias iniciais sobre as brincadeiras africanas (“*vieram nadando*” e “*alguém trouxe*”) foram se modificando ao longo da tematização. Além de suspeitarem do “*Nelson Mandela*”, “*vovô Madiba*”<sup>3</sup>, “*alguém que viajou para África*”, “*a família Abayomi*”<sup>4</sup> e “*a Cibebe*”<sup>5</sup>, as pesquisas e vivências, permitiram às crianças anunciar outras representações, por exemplo: “*foram os negros que vieram como escravos que trouxeram*” e “*eles ensinaram de pai para filho*”.

Leonardo: quais foram as brincadeiras africanas que a prô Tati já ensinou para vocês?

Criança 9: pulando feijões

Criança 11: fogo na montanha

Silêncio

Leonardo: eu pensei que o Grupo Terra sabia muitas brincadeiras da África, mas até agora vocês só falaram duas.

Criança 2: terra e mar

Leonardo: Será que lá na África tem mais que 3 brincadeiras?

Crianças: sim

Leonardo: então a gente pode descobrir mais?

Crianças 5: tem comida do Japão e da Espanha

Leonardo: se tem comida de outros países por que não tem brincadeira? será que tem alguma brincadeira que a gente faz aqui que veio lá do Japão?

---

<sup>3</sup> Referência a Nelson Mandela.

<sup>4</sup> Bonecos de pano. Figuras de afeto que compõem a proposta curricular da escola.

<sup>5</sup> Diretora da escola.

Tathiana: Oh Léo, então nosso desafio pode ser descobrir se as brincadeiras que a gente faz aqui vieram de outros lugares?

Leonardo: o que vocês acham? É mais legal descobrir sobre as brincadeiras lá da África, ou descobrir de onde vieram as brincadeiras que a gente conhece?

Várias crianças: da África.

Levamos para turma, como contribuição dos professores para as pesquisas do grupo, o livro *Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural*<sup>6</sup>, produzido a partir do projeto *Ludicidade Africana e Afro-brasileira*, da Universidade Federal do Pará e, organizado pela professora Debora Alfaia da Cunha. O livro tornou-se um elemento importante da tematização, passou a fazer parte do acervo de materiais da sala e ficou disponível ao grupo para manipular e consultar. As crianças sugeriram recorrer a ele para selecionar brincadeiras, encontrar informações sobre as características, formas de jogar, regras, etc.



Momentos de manuseio, consulta e leitura no livro<sup>7</sup>.

Vivenciamos 10 brincadeiras diferentes, uma ou duas a cada semana. As vivências ocorreram conforme a compreensão que tivemos das regras lidas no livro. Ao longo das atividades e a partir de diferentes problematizações, as práticas foram ressignificadas segundo as necessidades, interesses, sugestões e desejos das crianças.

<sup>6</sup> Trata-se de um e-book disponível para download gratuito na internet. Providenciamos a impressão colorida do material para facilitar o acesso e manuseio pelas crianças. Disponível em:

<https://ipfer.com.br/wp-content/uploads/2017/09/ebook-brincadeiras-africanas-para-a-educacao-cultural.pdf>

<sup>7</sup> Todas as fotos que constam nesse relato fazem parte do acervo dos autores e da unidade escolar.

Houve modificações de regras, formas de jogar e também nas significações anunciadas pelas crianças sobre a África, os africanos e as brincadeiras africanas e brasileiras, conforme ilustram os registros produzidos, fotografias, desenhos, ações, e diálogos gravados, filmados e/ou escritos, ora pela professora regente, ora pelo professor de Educação Física, ora pelas crianças.




Terra e mar – Moçambique 




Banyoka – Zâmbia  e Zaire 



Meu querido bebê – Nigéria 




Saltando feijões – Nigéria 



Comboio – Botswana 



Fogo na montanha – Tanzânia 



Ahm totre – Gana



Kakopi – Uganda



Pilolo – Gana



Antoakyire – Gana



Certo dia, propusemos refazer a brincadeira *saltando feijões* como estava proposta no livro. Tathiana escreveu a letra S, inicial do nome da brincadeira, e as crianças buscaram e identificaram no índice. Fizemos a leitura das informações e assistimos a um vídeo da brincadeira indicado no e-book. Depois montamos o instrumento para a brincadeira com uma garrafa pet, as crianças colocaram os feijões na garrafa e a professora amarrou o cordão. Giramos a garrafa e as crianças também quiseram girar. Elas disseram que nossa brincadeira não estava igual ao vídeo.

Criança 1: prô a gente não está fazendo igual no vídeo.

Leonardo: Pessoal, o (criança 1) acha que não estamos fazendo igual ao vídeo e vocês?

Algumas crianças: Tá sim, igual

Outras crianças: Tá não, tá diferente

Leonardo: o que vocês acham que tá diferente?

Criança 1: vamos olhar no livro prô.

Criança 2: a cor da corda

Criança 4: o tamanho da corda

Criança 5: o lugar onde está passando a corda

Criança 6: a cor do feijão

Criança 8: a quantidade de feijão

Leonardo: Mas, será que é por isso que estamos fazendo diferente, ou porque no vídeo as pessoas são maiores?

Várias crianças: por causa do brinquedo.

Tathiana: Será que não é porque as pessoas do vídeo são adultas e conseguem pular mais?

Várias crianças: não

Criança 1: adulto não brinca

Criança 2: eles trabalham

Tathiana desafiou uma criança a pular junto com ela a ver quem pulava mais alto. Pularam juntas e as crianças não conseguiram identificar quem pulou mais alto, então propusemos pular para frente e verificar a distância. Todas as crianças quiseram participar e ver quem pularia mais longe. Repetimos mais de uma vez o pulo, algumas crianças pularam em distâncias diferentes, algumas bem próximas à professora, outras distantes, outras fizeram mais de um pulo desconsiderando a regra.

Leonardo: Olha só o que aconteceu, cada pessoa pulou de um jeito, cada criança fez uma distância.

Criança 3: eu e a (nome da criança 4) pulamos igual

Criança 1: eu pulei igual a prô

Leonardo: sim, algumas crianças pularam distâncias bem parecidas, mas outras bem diferentes. Teve gente que pulou bem próximo da prô, e teve criança que foi mais longe, mais perto. Cada pessoa faz coisas diferentes das outras, adultos fazem coisas diferentes de crianças, de outros adultos, e uma criança também faz coisas diferentes de outras crianças.

Apesar da tentativa de identificar e afirmar as diferenças entre adultos e crianças e das crianças entre si, quando retomamos a questão da diferença entre a nossa brincadeira e a do vídeo, parte das crianças insistiu que o problema era o brinquedo. Realizamos a atividade outros dias com o brinquedo produzido de forma idêntica ao visualizado no e-book e também de outras maneiras, utilizando saquinho de pano com pedrinhas, folhas e papel, pois surgiram outras questões, por exemplo, as crianças reclamaram que *“dói quando a garrafa bate no pé”*, que *“feijão é comida e a gente não devia ficar gastando”*. A partir das vivências e dos acontecimentos, produzimos outras formas de brincar.

Quando iniciamos a leitura da explicação da brincadeira *ahm totre*, as crianças imediatamente mencionaram que parecia com corre-cotia. Após algumas rodadas, mudamos para a brincadeira *antoakyire* e, durante a explicação, novamente algumas crianças falaram “é igual corre-cotia”. Quando as vivências terminaram conversamos sobre as características das brincadeiras.

Leonardo: Essas brincadeiras são parecidas?

Várias crianças: siiimm!

Leonardo: o que elas tem de parecido?

Criança 10: Parece corre-cotia

Criança 12: Parece pega-pega

Tathiana: mas parece como? O que tem de parecido nessas brincadeiras?

Criança 2: Tem que fazer um círculo

Criança 3: tem que andar

Criança 4: e correr

Criança 5: tem que pegar o colega



Contamos às crianças que essa brincadeira também parecia com outra que fazíamos na Bahia e que chamava “chicotinho queimado”.

Leonardo: por que será que essas brincadeiras são tão parecidas?

Criança 1: é igual só mudou o nome

Criança 2: é, deve ter sido os brancos que mudaram o nome

Leonardo: será que essas brincadeiras são todas iguais e só mudaram o nome?

Algumas crianças: não

Outras crianças: sim

Tathiana: Lembra o que aconteceu quando a gente estava brincando de saltando feijões?

Crianças: sim

Tathiana: o que aconteceu?

Criança 10: a gente mudou para saltando folhas

Tathiana: ah! A gente também mudou o nome da brincadeira?

Criança 19: foi

Criança 1: e mudou as regras também

Leonardo: então, Grupo Terra, quando estamos fazendo uma brincadeira a gente também pode mudar o nome e as regras, não é mesmo?

Crianças: Sim

Tathiana: Será que isso pode ter acontecido com essas brincadeiras que nós vimos hoje?

Crianças: Sim.

Criança 14: Ai Léo, tá doendo minha perna.

Leonardo: Doendo a perna? E como vocês acham que pode ficar mais fácil?

Criança 2: nós ir andando

Leonardo: andando?

Criança 3: ir assim ó (faz o movimento com os pés e mão no chão e demonstra)

Leonardo: pode ir assim (nome da criança 3)? E como vai todo mundo junto assim?

Criança 3: pode ir segurando na mão do amigo.

Criança 4: é, ai fica mais fácil

Criança 2: segurando a mão do amigo que tá do lado

Leonardo: todo mundo concorda em ir usando a mão?

Crianças: sim.

Leonardo: Então, vamos experimentar assim.

Em diferentes momentos da tematização conversamos com as crianças sobre as possibilidades de modificar as regras e as formas de brincar, sempre após vivenciar a brincadeira, conversar como foi e decidir coletivamente sobre as mudanças. Em diversos momentos houve conflitos de interesse por parte das crianças, algumas faziam propostas de mudança, outras reclamavam, alguns concordavam outros discordavam, alguns faziam propostas em benefício próprio, algumas desistiam de brincar, alguns ganhavam, outros choravam, etc. Durante as brincadeiras, diversas relações de poder iam se explicitando e regulando de diferentes formas as atividades. Permanecemos atentos para mediar as situações no sentido de apoiar as crianças que estavam em

desvantagem e pensar coletivamente o direito de todas participarem, os interesses comuns e incomuns e o cuidado com o Outro.

Vários momentos da rotina das crianças foram alimentados pela tematização e também alimentaram a tematização. Por exemplo, os momentos de registro, onde as crianças escrevem, desenham, pintam, etc. foram espaços privilegiados para expressar aprendizagens e compartilhar experiências. Outro momento muito interessante foi a participação da avó de uma das crianças do grupo e de uma funcionária da escola, ambas convidadas para compartilhar experiências da infância e ajudar as crianças a pensar sobre a ancestralidade. As conversas abordaram a transmissão das brincadeiras entre as gerações.



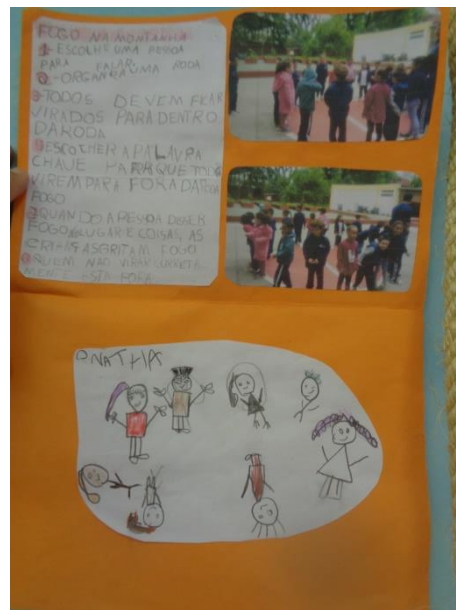
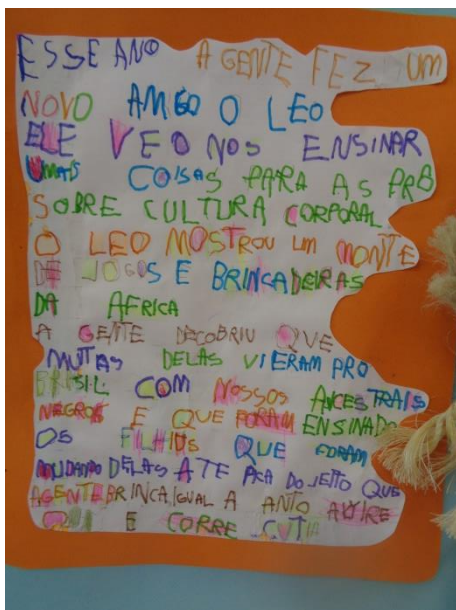
Fotos das conversas com a dona Pedrina e com a vovó da Heloisa.

As crianças reconheceram e associaram as brincadeiras africanas e os valores civilizatórios afro-brasileiros que estavam sendo investigados no projeto didático da turma durante o ano letivo. Durante as vivências também puderam identificar e experimentar a *ancestralidade*, as *memórias*, o *comunitarismo*, a *cooperatividade*, a *circularidade*, a *musicalidade* e a *oralidade*.

Os registros permitiram e potencializaram a avaliação do trabalho, além de socializar a experiência com a comunidade. Discutimos com as crianças diferentes formas de compartilhar as experiências e surgiram como ideias a produção de um livro, de um cartaz e de um vídeo. As crianças se dividiram entre a produção do vídeo e do cartaz. Ambas foram executadas e exibidas durante a mostra cultural no final do ano.



Momentos de registro e produção do cartaz para mostra cultural



Exposição na sala do Grupo Terra no dia da mostra cultural de final de ano.

O vídeo<sup>8</sup> foi produzido a partir dos registros fílmicos e fotográficos realizados pelos professores ao longo da tematização. As crianças figuram como protagonistas. O

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pzRS5rIQMcs>

vídeo foi exibido primeiro para as crianças, que demonstraram grande alegria ao ver o resultado, depois foi exposto na mostra cultural para visualização das famílias.

Dentre os efeitos da tematização identificamos a maior participação e expressão das crianças para além do território da cultura corporal, mas nas diversas atividades da escola. Em momento de avaliação da professora Tathiana considerou que, “as crianças se sentiram empoderadas por protagonizarem os momentos de reviver cada brincadeira ou de ter suas ideias aceitas. Esse movimento fez com que algumas crianças passassem a se colocar mais e dar mais sugestões sobre o que fazer em determinadas atividades, pois sabiam que estavam sendo realmente ouvidas”.

Apesar das nossas impressões, dos registros e das avaliações positivas, não há certeza sobre e/ou controle dos efeitos das vivências na vida das crianças, das famílias, dos professores ou da comunidade. Contudo, não podemos deixar de acreditar na potência que a experiência tem para, “reconhecer, valorizar e positivar a ancestralidade africana, que caracteriza o povo brasileiro, permite aos alunos se perceberem herdeiros dessa cosmovisão e próximos culturalmente da criança dos países africanos”<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> CUNHA, Débora Alfaia da. *Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural*. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016, p.24 (e-book).